

## **As Cores da Utopia: loucura, arte e a reforma psiquiátrica**

### **Resenha**

As cores da utopia. Direção: Julio Nascimento. Produção EBN Consultoria Psicológica. Roteiro: Julio Nascimento. Fotografia: Guilherme Carneiro. Gênero: Documentário. Brasil, 2011. Duração: 80 min. Colorido.

Paulo Amarante <sup>a</sup> [laps@ensp.fiocruz.br](mailto:laps@ensp.fiocruz.br), Marcio Loyola <sup>b</sup> [laps@ensp.fiocruz.br](mailto:laps@ensp.fiocruz.br)

<sup>a</sup> Pesquisador Titular – LAPS/ENSP/Fiocruz (Laboratório de Estudos e Pesquisas em Saúde Mental / Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca / Fundação Oswaldo Cruz) Rio de Janeiro, Brasil.

<sup>b</sup> Professor Convidado – LAPS/ENSP/Fiocruz

DOI: 10.3395/receis.v8i1.901pt

**Submetido:** 17/Fev/2014

**Aceito:** 17/Fev/2014

*As Cores da Utopia* (2011) é um documentário de Julio Nascimento que nos presenteia com a história da vida de Reginaldo Bonfim (Salvador, 1950-2007). Reginaldo pintava desde os cinco anos de idade e chegou a frequentar o curso livre da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia (UFBA). O que é abordado durante o filme, no mínimo, nos questiona sobre os limites imprecisos entre a loucura, a sanidade e a arte, bem como nos revela as contradições da sociedade capitalista através da forma como ela se relaciona tanto com a loucura quanto com a atividade criativa.



**Legenda:** Reginaldo Bonfim em *As Cores da Utopia*

*As Cores da Utopia* se insere com destaque na lista de documentários históricos produzidos no Brasil sobre a loucura e as instituições psiquiátricas e que podem ser considerados frutos do próprio processo de reforma psiquiátrica. O primeiro deles é, certamente, *Em Nome da Razão*, de Helvécio Ratton, realizado no hospital de Barbacena (MG), em 1979, como consequência da ‘abertura política’ que ocorreu na instituição, promovida após o impacto midiático da visita de Franco Basaglia ao hospital. O famoso psiquiatra italiano que liderou o processo de desinstitucionalização na Itália, onde foi aprovada a primeira lei antimanicomial de toda a história – conhecida como Lei Basaglia – considerou que aquele hospital era mais um campo de concentração do que uma instituição de tratamento de pessoas enfermas. O filme não deixa qualquer sombra de dúvida sobre esta contundente afirmação<sup>1</sup>.



**Legenda :** *Em Nome da Razão*

O processo de institucionalização psiquiátrica foi vigoroso em todo o território nacional. No início dos anos 1980 eram cerca de 80 mil as pessoas em regime fechado, privadas do convívio com as suas famílias e com a sociedade. A função social do manicômio, apesar do discurso terapêutico da psiquiatria, aparece como forma de controle e exclusão de tudo aquilo que se define como anormalidade e doença mental.

Outra realidade violenta pode ser constatada a partir do documentário *O Profeta das Águas*, de Leopoldo Nunes , que trata da história de Aparecido Galdino, um líder messiânico que, lutando contra a inundação da pequena Rubineia, romântica cidade no interior de São Paulo, é preso, transferido para a capital, onde foi torturado pelo próprio Sérgio Paranhos Fleury, e vai acabar num manicômio judiciário. A luta e reivindicação social foi capturada pelo poder político da ditadura militar, para depois ser decodificada como doença mental<sup>2</sup>.



**Legenda:** Aparecido Galdino em *O Profeta da Águas*

O mesmo pode ser observado no documentário *Estamira*, de Marcos Prado, que revela como o processo de medicalização da loucura, que historicamente se utilizava dos muros do hospital psiquiátrico para se desenvolver, extrapolou os lugares fechados para incidir em todo o campo social<sup>3</sup>.



**Legenda:** Estamira Gomes de Souza em *Estamira*.

Ao abordarem, de forma diversa, a singularidade da vida, a cidadania e a importância da arte e da criação, esses documentários podem ser ferramentas imprescindíveis para uma reflexão crítica sobre as formas de tratamento que a sociedade institui para aqueles que se desviam dos padrões de normalidade. Mas, sobretudo, são instrumentos de luta permanente contra a lógica que limita a diferença como algo a ser corrigido pela sociedade, ou desvalorizado pela cultura. O modelo centrado na racionalidade científica que produz a medicalização do sofrimento e de outras formas de existir que desviam das normas de comportamento, acabou por forjar culturalmente a crença de que quem se comporta de forma diferente é doente ou perigoso para a sociedade. Desta feita, mais relevante do que questionar os princípios que possibilitaram definir a loucura como doença, o documentário permite a construção de outro lugar social. E a proposta de *As*

*Cores da Utopia* vai além de uma ideia de mudar o modelo assistencial, na medida em que possibilita à pessoa se expressar em sua diversidade.

A beleza do documentário está tanto na forma como o artista plástico retrata sua criação quanto na maneira como as pessoas falam sobre Reginaldo: “o poeta das cores”. Na delicadeza da narrativa feita por uma menina alternam-se falas do próprio artista, seus familiares, outros artistas, filósofos e interessados em sua vida e obra. Suas obras retratam tanto sua vida quanto a sua cultura ao longo da história da Bahia e não um processo patológico de algum transtorno mental.

As pinturas apresentadas no documentário têm um colorido singular e impressionam tanto por sua originalidade temática quanto pela estética. O artista tem como preferência pintar diferentes tipos de mulheres, em diferentes momentos históricos, desde o processo de colonização portuguesa até a contemporaneidade. Não é possível ficar indiferente aos olhares expressivos e afetivos da variedade de mulheres por ele retratadas. Vários artistas destacam que Reginaldo não teria um estilo definido por dominar todos, revelando uma rara capacidade de utilizar todas as técnicas e todos os tipos de tinta.

As cenas de Reginaldo pintando são realmente impactantes, o que torna difícil sua transcrição em palavras. Em alguns momentos, após comentários sobre Reginaldo e suas pinturas, aparecem cenas de destruição da natureza e de crueldades feitas pela humanidade considerada normal. Em uma dessas cenas, numa praça, o entrevistador indaga, a um homem que se veste de forma pitoresca com uma máscara, se Reginaldo seria louco, e ele responde que conheceu “muita gente normal, e séria, que cometeu barbaridades”. Logo em seguida, surgem cenas dos bombardeios nucleares ao Japão e de pessoas que foram acometidas pela radiação.

As contradições são chocantes! Enquanto pintava no Terreiro de Jesus, em Salvador, diziam nos jornais que “o que atrai não é sua obra de valor questionável, mas sua figura, [...] meias de futebol vermelha e preta”. Antes de adoecer, Reginaldo era tratado com respeito e carinho, e seu trabalho também era muito valorizado; já após retornar de viagens a outras cidades, passou a ser desprestigiado e as pessoas não queriam pagar mais o mesmo valor por suas pinturas. Todavia, há quem diga, no próprio filme, que ele passou a pintar ainda mais e/ou ainda melhor do que antes. Seu irmão sugere que a loucura talvez esteja na cabeça de quem a vê, mas a mídia persiste em afirmar que “criatividade e pouco nexo” imperam na forma como Reginaldo fala de sua arte.

A dimensão sociocultural da reforma psiquiátrica, revelada no documentário, nos possibilita questionar as formas de controle existentes na sociedade que podem atuar no “aprisionamento cultural”, ao tomar a diferença como doença, ou mesmo como algo de menor valor. Mesmo que sejam muito importantes, as transformações produzidas pela luta antimanicomial, bem como a promulgação da Lei da Reforma Psiquiátrica (Lei 10.216/2001), com a redução de leitos psiquiátricos e o aumento de tratamentos no território, não são suficientes. Se não houver uma intervenção na forma como a sociedade se relaciona com a loucura, as barreiras dos muros dos manicômios podem cair enquanto novas formas de aprisionamento se consolidam (como visto no documentário: na forma como a mídia define Reginaldo) em regime de suposta liberdade.

## Referências

1. Em Nome da Razão – um filme sobre os porões da loucura. Direção: Helvécio Ratton. 1979. Documentário. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=R7IFKjI23LU>>
2. As Cores da Utopia. [trailer] Direção: Julio Nascimento. 2011. Documentário. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=qowil8eJZt4>>
3. O Profeta das Águas. [Trailer] Direção: Leopoldo Nunes. 2005. Documentário. Disponível em: <<http://tvuol.uol.com.br/assistir.htm?video=o-profeta-das-aguas-04026CD88913C6>>